

Capítulo 1: Realidades absurdas

Passageiros do vôo L8599, com destino a Londres, embarque imediato no portão 26.

Eu olhei para minha mãe, com o coração apertado. Faltava pouco para que a voz mecanizada do aeroporto começasse a berrar meu nome como passageiro atrasado do vôo, mas eu estava sem coragem de deixá-la para trás, chorando daquela maneira.

— Mãe...

— Eu sei, eu sei... — ela fungou. — Você precisa ir.

As pessoas ao nosso redor olhavam como se eu fosse um pequeno monstro, largando aquela mulher aos prantos daquele jeito. Não era culpa minha! Era uma reação exagerada. Meu pai, por outro lado, estava contendo uma gargalhada que, se fosse dada, com certeza ofenderia sua esposa e acabaria em divórcio.

De novo.

— Ele vai perder o avião, Ana — meu pai disse, puxando minha mãe pelo ombro e amparando-a em seus braços. — São só seis meses, já já ele está de volta.

Eu sorri, grato. Arrumei minha mochila nas costas e agarrei a alça da minha mala de mão, pronto para correr na direção do meu sonho. É claro que, antes disso, dei um abraço na minha mãe e prometi que ia falar com ela todo dia. Eu já tinha feito essa promessa pelo menos um milhão de vezes antes daquele momento, mas pelo jeito só ali teve efeito. Suas lágrimas sossegaram quando ela me abraçou de novo e ela até deu um sorriso quando eu me afastei.

— Ah, meu filhinho... — suspirou ela, voltando para perto do meu pai. — Vou ficar com tanta saudade.

— Vou ligar, mandar mensagens e até cartões postais — eu disse, dando um passo para trás, cada vez mais perto do portão de embarque. — Muitos postais...

Meu pai esticou-se para me dar um abraço desajeitado também. Esse tipo de demonstração de afeto não era muito comum entre nós dois e eu fiquei um pouco incomodado. Afastei-me rapidamente e ele deu um sorriso assustador.

— Vai lá, filho — bateu nas minhas costas. Tão forte que meu óculos voou um pouquinho de cima do meu nariz. — Arrebenta com as inglesas.

E era por coisas assim que demonstrações de afeto não eram muito comuns entre nós dois. Nada contra as inglesas — aliás, muito pelo contrário. Mas depois de tantos anos de convivência era pro meu pai saber que minhas chances de arrebentar com as inglesas era mais baixa do que a de Rei Richard abdicar do trono. Como ele amava ser rei, as chances eram mesmo minúsculas. Para não dizer inexistentes.

— Aham, pode deixar — eu respondi, dando um passo para trás. — Eu acho...

Virei-me na direção do embarque, satisfeito por sair daquele ambiente por pelo menos alguns meses. Entreguei meu passaporte e minha passagem para o agente de segurança e ele me permitiu passar para a área de embarque. Antes, virei para trás e acenei para minha família uma última vez.

— Vai com Deus! — Minha mãe gritou, acenando de volta. Seu nariz vermelho a deixava com uma expressão cômica. — Qualquer coisa é só voltar.

Aproveitei a deixa para passar pela porta, me sentindo mal mas pensando que, se eu pudesse, não voltaria nunca mais.

Entrei na fila para o raio-x, ainda me sentindo meio estranho. Era tudo tão estranho. Deixar meus pais para trás. Enfiar roupas em uma mala para passar seis meses fora. Realizar meu sonho, que nunca pensei que realmente fosse capaz de realizar. Uma poupança inteira que se transformou em uma passagem de avião, um curso de inglês para economistas e o aluguel de um apartamento minúsculo em Little Venice. Ah sim, também

se transformou em algumas pouquíssimas libras que ou teriam que ser muito bem administradas ou me forçariam a arrumar um emprego bem antes do que eu pensava. Mas eu era um economista em formação – daria conta de economizar o direito!

Quer dizer, eu era mais ou menos um economista em formação. Tinha feito um semestre da faculdade e trancado para embarcar nessa maluquice. Pelo menos minha mãe achava uma completa maluquice. Trancar a faculdade federal para ir fazer um curso de inglês na Inglaterra? Ela entendia que conhecer o país era meu sonho, já que eu só falava disso desde que eu tinha uns quinze anos, mas ela não entendia como eu estava disposto a sacrificar tudo para conseguir aquilo.

Ora, essa assim que sonhos funcionavam.

Tive que ouvi-la dizer que já tinha pago um curso de inglês inteiro para mim, o que era verdade. Mas era muito diferente do que estudar no país onde a língua tinha surgido e temas que iam me ajudar no futuro, quando eu tivesse um emprego em economia... Também tive que ouvi-la dizer que eu podia simplesmente passar as férias por lá, não precisavam ser seis meses.

Ela não entendia. Se eles tivessem sido responsáveis por bancar a viagem, provavelmente eu teria feito uma viagem de curta duração, apenas turística e voltado para o Brasil com um desesperado sentimento de quero mais. Como eu tinha sido responsável por trabalhar meio período durante anos, angariar fundos e programar a viagem do começo ao fim, ela seria do meu jeito. E o meu jeito era passar o máximo de tempo que eu podia na terra do Rei.

Era um amor que não dava para explicar. Uma empatia e uma sensação de pertencimento que eu não sentia com nenhum outro lugar do mundo, nem mesmo com a minha própria cidade. A sensação constante era que eu tinha nascido no lugar errado ou que, em outra vida, eu tinha sido um importante Lorde inglês.

Coloquei minha mochila e minha mala para passar pelo raio x, tirando meu laptop da mochila para vistoria obrigatória. Passei pelo aparelho sem apitar e sem nenhum problema com as bagagens e agilizei meus passos até o portão 26, onde o embarque já estava se realizando.

Separei os documentos novamente, entrando na fila. Estava preparado, mas com um pouco de medo. Era um passo grande. Era um passo enorme. Eu nunca nem sequer tinha saído do Rio de Janeiro, muito menos andado de avião ou visitado outro país. Acho que realizar sonhos dava um pouco de medo também.

A funcionária da British Airways conferiu minha passagem e minha documentação rapidamente, picotando minha passagem e devolvendo o canhoto. Quando ela me desejava uma boa viagem eu dei um sorriso, mas nem sequer consegui agradecer, tamanho nervosismo.

Um tubo conectava a área interna do aeroporto ao avião e a cada passo que eu dava eu sentia meu coração descompassar. Era um sentimento muito estranho. Tudo meio misturado. Dava vontade de correr, dançar e ficar paralisado – tudo ao mesmo tempo. E se desse tudo errado? E se eu não conseguisse me comunicar direito, mesmo com os anos de inglês? E se a aula de inglês para economistas fosse péssimo? E se tivesse dado algum problema no meu aluguel e, na verdade, eu estivesse sem lugar para morar? E se o cara da imigração no aeroporto implicasse com o meu visto e me mandasse voltar de lá mesmo? Dúvidas, dúvidas... Tantas dúvidas.

— Olá — a aeromoça cumprimentou, em inglês, quando eu entrei no avião, perdido em meus pensamentos. — Qual é seu assento?

— 26B — eu me forcei a responder, também é inglês.

— É no fundo e à direita, está bem? — Ela gesticulou. — Tenha uma ótima viagem.

— Obrigada — consegui agradecer dessa vez. — Você também.

Será que era uma coisa idiota desejar boa viagem para uma aeromoça no mesmo voo que você? Será que eu deveria ter desejado bom trabalho ao invés de boa viagem? Será que agora ela ia cuspir no meu prato de jantar, tamanha raiva?

Ponderei em silêncio, com o coração fora de compasso e o estômago revirado. O nervosismo não foi embora nem quando eu terminei de descer todo longo corredor cheio de pessoas colocando suas malas nos compartimentos obrigatórios e finalmente cheguei no 26B, meu assento.

O avião era gigantesco e bem intimidante, então tratei de colocar minha mala no lugar certo e me sentar, tentando me acalmar. Meu maior problema era esse. Quer dizer, não o pânico exatamente. Meu problema era que eu vivia pensando demais e que eu não tinha muitas aptidões sociais. Ou nenhuma. Seguia pela vida achando que minha existência incomodava as pessoas e que quanto mais eu pudesse passar despercebido, melhor.

Talvez fosse esse o motivo pelo qual meu pai e eu não trocássemos mesmo muitos momentos de pai e filho. Porque eu era um típico nerd – era isso que eu ouvia a vida toda. E ele era um ex-jogador de futebol conhecido nacionalmente que agora começava uma carreira como técnico, depois de perder seu dinheiro, sua família e sua dignidade e começar a recuperar tudo de novo. A começar pela minha mãe, que aceitou reatar o casamento depois de anos separados.

Entrar em campo ou assistir qualquer jogo de futebol me dava vontade de correr para as montanhas. Ou melhor, para a Inglaterra. O que era basicamente o que eu estava fazendo. Um pouco irônico, porém, que tivesse sido justamente nesse país que o futebol foi criado. Tantos anos atrás que eu nem sei dizer quantos.

O comandante informou em inglês que o embarque tinha sido encerrado e que todos nós devíamos prestar atenção nas instruções de segurança. Nunca prestei tanta atenção em algo na minha vida, mesmo sabendo que na eventualidade de um acidente, minha chance de sair vivo era menor ainda do que a de eu me dar bem com as mulheres inglesas. Quando as instruções acabaram e nos preparamos para a decolagem, percebi que a cadeira ao meu lado estava vazia. O que não só me ocasionaria uma noite de sono mais confortável, mas também me permitiria viajar na janela. Fugindo do olhar certo das aeromoças, pulei para cadeira ao lado e atei meu cinto, observando o Rio de Janeiro ficar para trás.

Os minutos foram passando e eu fui ficando cada vez mais calmo, enquanto o avião se estabilizava no ar. A companhia oferecia uma televisão de bordo para cada passageiro e eu fiquei brincando de escolher o que poderia ver. As opções eram inúmeras e eu comecei a ficar confuso, perdido em uma realidade tão diferente da minha.

Dei uma risada sozinho, escolhendo a primeira temporada de Downtown Abbey para assistir. Se eu estava a caminho da Inglaterra, não havia nada melhor do que um pouquinho mais de ambientação. Queria abstrair ao máximo também para me convencer que andar de avião não era uma realidade tão absurda assim. Ser um membro da nobreza inglesa? Isso sim parecia ser.